

## A representação mítica de Juscelino Kubitschek em “Os anos JK”, de Silvio Tendler

The mythical representation of Juscelino Kubitschek in “Os  
anos JK” by Silvio Tendler

**André Ricardo Zimmermann Silva**

Mestrando em História

Universidade Estadual Paulista

andre\_zimmermen@hotmail.com

**Recebido em:** 13/12/2020

**Aprovado em:** 15/01/2021

**Resumo:** O artigo tem como objetivo analisar o documentário “*Os anos JK*” de Silvio Tendler e compreender a representação utilizada pelo diretor. Com o golpe civil militar, Juscelino seria colocado em ostracismo político até sua morte. Quatro anos após isso, no contexto de abertura política, o filme é lançado aos cinemas, resgatando a figura política que foi Kubitschek. Além de relatar o período do governo em si, o documentário também mostra todo o período democrático anterior e posterior a presidência de JK. Com um alto teor político e crítico, “*Os anos JK*” busca trazer a discussão da democracia e da ditadura e introduzir a uma nova geração, um momento anterior aonde existia o respeito a constituição e as instituições.

**Palavras-chave:** Juscelino Kubitschek; “Os anos JK”; Silvio Tendler.

**Abstract:** The article has as its objective to analyze the documentary “*Os anos JK*” by Silvio Tendler and to comprehend the utilized representation by the director. With the military civilian coup, Juscelino was thrown into political ostracism until his death. Four years later, in a political opening context, the movie was released in cinemas, rescuing the political figure that Kubitschek was. Besides reporting the government period itself, the documentary also shows all the democratic period before and after JK’s presidency. With such a high political and critical content, “*Os Anos JK*” looks to bring the discussion of democracy and dictatorship and introducing it to a new generation, a period where there was respect to constitution and institutions.

**Keywords:** Juscelino Kubitschek; “Os anos JK”; Silvio Tendler.

### Introdução

Juscelino Kubitschek foi um dos políticos populares da história do Brasil. Presidente do país entre os anos de 1956 e 1961, sua memória ainda é evocada e lembrada quando nos referimos aos anos 50 e as intensas transformações sociais, culturais e econômicas que ocorreram no Brasil. JK é, quase de modo unânime, lembrado de modo positivo, como alguém que fez o

país crescer, que elaborou e construiu a nova capital, que nasceu em uma família pobre no interior de Minas Gerais, venceu na vida e se tornou presidente da república, que trouxe a indústria automobilística para o país, entre outras coisas. Sua imagem está consolidada na cultura como sinal de progresso, esperança e otimismo.

Em 1980, Juscelino ganharia sua primeira representação no formato audiovisual. Trata-se do documentário “*Os anos JK*”, de Silvio Tendler, gravado e lançado na ditadura civil-militar, que foi grande opositora e perseguidora de JK. Nessa época, o governo estava promovendo uma série de aberturas políticas, como a lei da anistia de 1979, com uma alta pressão da sociedade que demandava democracia. Esse clima político permitiu que o nome de JK e do seu governo voltasse a circular na vida nacional, reforçando-os na memória nacional, sobremaneira como um líder e governante democrático em franca comparação com a impopularidade e o autoritarismo dos governantes fardados. No próprio documentário, JK é representado em contraposição aos governos militares, como um líder tolerante e democrático. Aqui cabe fazer algumas perguntas: Qual a representação (CHARTIER, 2002) de Juscelino que nos é mostrada em “Os anos JK”? Quais são os elementos principais da mesma? De que modo o documentário constrói a imagem de Juscelino?

Este artigo parte da hipótese de que o documentário se baseia na ideia e na representação mítica de JK para construir uma imagem do mesmo como contraponto ao regime autoritário vigente. O aspecto a ser destacado no mesmo será o de líder democrático que cumpria as normas constitucionais e respeitava o pluralismo democrático, algo que era ansiado pela população que desejava democracia e eleições diretas. Juscelino seria recuperado do ostracismo em que sua imagem vivia e entraria para a memória nacional como um exemplo de líder democrata e popular.

### **O Conceito de “mito” na representação de JK**

Antes de entrar na análise proposta, é necessário explicar o conceito de mito JK que será utilizado neste artigo. Ele deriva da tese de Rosilene Dias Montenegro, “Juscelino Kubitschek: Mitos e Mitologias políticas do Brasil moderno” (MONTENEGRO, 2001) que trouxe uma nova interpretação sobre o político e sobre o símbolo que Juscelino se tornaria na posteridade. Montenegro tenta desvendar e compreender um mito político que evoca uma imagem de Brasil, democrático, moderno e no caminho do desenvolvimento econômico. A análise da autora é de extrema importância para este artigo, pois ela nos ajuda a entender como Kubitschek seria representado e qual imagem sua ficaria na memória nacional.

Para compreender o argumento principal de Montenegro, é necessário apresentar o conceito de mito utilizado na tese. Esse conceito é derivado do excelente livro *“Mitos e mitologias políticas”*, do historiador francês Raoul Girardet. A obra se situa no terreno da história das ideias e conceitos políticos, buscando nas diferentes produções culturais da sociedade, alguns dos principais conceitos que moldariam o imaginário político, sendo eles: A conspiração, o salvador, a idade de ouro e a unidade. Eles não são excludentes entre si e, muitas vezes, complementam-se e se tornam interdependentes entre si e nos discursos que os utilizam. Apesar de se basear no contexto europeu e, principalmente, francês, a simbologia construída por Girardet pode ser utilizada em outros contextos e realidades. O Juscelino mítico analisado na tese se baseia no segundo símbolo, o do salvador. Montenegro argumenta que este símbolo foi construído pelo próprio Kubitschek, nos seus discursos e na sua ação política, um mito do próprio presente e não uma representação feita após sua morte. A grande questão que a autora tenta responder é a mesma levantada por Girardet “em saber, como se opera a passagem do histórico ao mítico, como opera, em outras palavras, esse misterioso processo de heroificação, que resulta da transmutação do real e em sua absorção no imaginário” (GIRARDET, 1987, p.71). Por se tratar de um mito construído no presente e na atuação política do presidente, essa construção possui algumas especificidades, que dependem de fatores conjunturais ou de construções narrativas específicas. O modo como isso foi construído é descrito nessa passagem:

Ora, é justamente a crença, o entusiasmo, que dá a configuração do imaginário desses anos. Já existia o sonho, o desejo de se melhorar de vida, mas não havia crença nessa possibilidade. JK consegue criar essa crença, reavivar esses sonhos, realizar esse imaginário, pelo menos em parte. Cabe perguntar o porquê? Como? A hipótese que levantamos é a de que o governo de JK, desde de sua origem, percebe na mobilização desses sentimentos, desejos e sonhos, caros as camadas populares e a sociedade de uma forma geral, o potencial mobilizador. E o rumo que o país deveria seguir para resolver seus problemas e realizar os sonhos de sua sociedade, era para Juscelino, o da modernização, da política de crescimento econômico a que denominou “desenvolvimentismo”. Reforçava-se, assim, a mitologia da modernidade e colocava o imaginário em ação (MONTENEGRO, 2001, p.130-131)

Em relação ao aspecto de formação do mito e de como ele opera no imaginário popular, precisamos levar em consideração aspectos conjunturais e subjetivos. Montenegro destaca que existia uma concordância geral que o país precisa entrar na modernidade e que o desenvolvimento era uma realidade inexorável, tendo o desenvolvimentismo entrado no discurso político com a expectativa de realizar essa tarefa. Na época da presidência Kubitschek, existia uma efervescência de eventos políticos, econômicos e culturais, e ainda sendo uma democracia

política. Esses eventos possibilitaram a mobilização do imaginário da população e a construção de imagens nas camadas populares. A relação entre política, mito e imaginário é imanente, pois o “imaginário constitui um dos elementos instituidores do real.” (MONTENEGRO, 2001, p.36) e se inter-relaciona com a política e o mito. Argumentando em outros termos, sem um imaginário capaz de realizar uma mobilização política eficiente, o mito político não é realizável e não se consolida na mentalidade.

A própria história de vida de Juscelino também foi mitificada, criando para si uma lógica única, a lógica da “história sagrada” que possui “uma ordenação lógica, cronológica, ascendente, que tem um objetivo inicial e final”. Esse objetivo seria a realização de sua predestinação a atividade política e deste modo “o fim de sua vida não significa seu fim, ao contrário significa sua impressão definitiva na história política” (MONTENEGRO, 2001, p.99). Todos os fatos que ocorreram na vida de Kubitschek, a infância pobre em Diamantina, os estudos para se tornar médico, o ingresso na vida política e a escalada para a Presidência da República são construídos em uma “narrativa sem tensões entre o narrador e o narrado, sem questionamentos, sem lacunas”. Todas as obras que contam sua história possuem um grande sentimento de apologia e, muitas vezes, uma nostalgia dos tempos dourados, onde existia esperança no desenvolvimento e no progresso dentro dos marcos da democracia. Em sua tese, Rosilene Dias Montenegro argumenta que o discurso construído pela história sagrada é o:

“Discurso político ordenado numa narrativa mítica, que conta a vida do mito desde sua origem até sua transformação numa das figuras mais importantes do país. Uma narrativa que privilegia seu ingresso na política, alguns fatos marcantes antes da presidência da República, e, principalmente durante seu governo, em que se destaca sua atuação de maior líder político do país, à época. Sob a vertente da narrativa mítica, as biografias descrevem a história de um indivíduo que, vindo de origem pobre, passa todas as dificuldades e consegue se eleger presidente do país, administrar as diferenças, governar com habilidade e competência, e guiar seu povo para a realização de um tempo de glória” (MONTENEGRO, 2001, p. 425-426)

Como destacado anteriormente, Juscelino foi o principal agente dessa construção simbólica mítica. Isso pode ser claramente percebido em suas autobiografias, que foram pensadas e elaboradas no exílio, quando Juscelino já vivia o ostracismo político imposto pela ditadura militar, tendo o espaço público negado. Essas autobiografias são “Meu caminho para Brasília”. Inicialmente pensada para ser em quatro livros, somente três foram publicados “Experiência de humildade”, volume I (1974); “A escalada política”, volume II (1976), e “50 anos em 5”, volume III (1978). O quarto volume, “Mil dias de exílio”, nunca chegou a ser finalizado e somente o

primeiro volume foi publicado com o autor ainda em vida, devido as dificuldades impostas pela ditadura para a publicação. Pode-se se dizer que graças a essas dificuldades, os livros não conseguiram um destaque tão amplo e nunca chegaram a ser reeditados. Em um artigo, a professora Ana Maria Ribas destaca a identidade que Juscelino buscava construir de si mesmo nesses trabalhos:

“o órfão aos dois anos e meio de idade; o “pobre menino descalço Nonô” da pequena cidade de Diamantina que galgou o mais alto cargo público da nação; a formação/educação exemplar do “grande homem” legada pela mãe Júlia Kubitschek, de ascendência tcheca e professora primária do interior mineiro; o adolescente seminarista estudioso; o jovem telegrafista audacioso; o médico urologista acadêmica e profissionalmente “brilhante”; o político por talento e vocação; o líder democrata pacificador e salvador; o exemplo de estadista da República contemporânea brasileira; o cidadão, ex-presidente da República (RIBAS, 2014, p. 27-28)

Repara-se que a imagem que Juscelino deseja imprimir de si é a do líder mítico, como foi destacado por Rosilene Montenegro. A mobilização de imagens e da imaginação são captadas por Juscelino também na redação de sua história de vida. Como destacado por Rosilene “A construção do mito JK passa fundamentalmente pela capacidade que ele teve, enquanto indivíduo e sujeito da história, de criar e difundir o sentimento de crença na sua figura” (MONTENEGRO, 2001, p. 428). Juscelino iria imprimir na sua vida, uma lógica muito comum entre aqueles que retratam a sua história e que será destaca mais adiante. Juscelino também foi o principal responsável por criar e estimular a mitologia política feita em torno de si. O principal objetivo das autobiografias é mostrar a trajetória do mito político contada por ele mesmo, narrar suas realizações de maneira grandiosa, a origem do grande líder, do chefe responsável por trazer a modernidade para o país e que conquistou todos objetivos de sua vida, não importando o quão difíceis eles eram.

Um fato importante para se destacar é que a representação mítica possui um alto elemento nostálgico, uma época aonde o tempo era harmonioso e único. A narrativa criada pelo mito passa um sentimento de uma época boa, com crença no desenvolvimento e no progresso como motores para o futuro da nação. Juscelino seria o líder que deu ao Brasil a mentalidade de que podemos ser um grande país e que esse era o nosso destino, que transmitia a confiança necessária para atingirmos esse objetivo, que nos livrou de um sentimento de inferioridade que somente nos prejudicava e que deu os passos necessários para o caminho do sucesso nacional, uma nação desenvolvida e democrática. A saudade do líder também se traduz em saudade da época, aonde se tinha um presidente que “guiava o célere processo de industrialização e

desenvolvimento econômico, um tempo de democracia, de esperança, de confiança no futuro, de prosperidade” (MONTENEGRO, 2001, p.433).

### **A imagem de JK na época de “Os anos JK” e a “Anistia Cultural”**

Para se ter um melhor entendimento do documentário é necessário observar rapidamente em como estava a imagem de JK durante a ditadura militar. Em 1964, JK deu apoio ao golpe civil-militar, muito provavelmente por acreditar que a intervenção militar fosse temporária e a democracia parlamentar representativa fosse retomada brevemente. Mas tendo o regime militar decidido pela revogação daquelas eleições presidenciais, posto a eleição indireta do general Castello Branco em abril de 1964, JK foi acusado de corrupção e de ser apoiado por comunistas, tendo, assim, os seus direitos políticos cassados, além de se ver com vários Inquéritos Policiais Militares para responder aquelas acusações.<sup>1</sup> Depois, passou a viver no exterior e se aproxima de Carlos Lacerda e João Goulart, esse no exílio, quando da atuação na Frente Ampla, movimento que, formado no final de 1966 e ativo até às vésperas da decretação do AI-5, em dezembro de 1968, unia antigos opositores políticos contra o autoritarismo do regime militar e as investidas dele para o seu prolongamento<sup>2</sup>.

Com o endurecimento do regime militar, a Censura impõe certo silêncio ao nome de JK e aos seus feitos políticos. Expediente cujo cume se deu pela imposição da ditadura militar à cobertura da mídia eletrônica ao funeral de JK, ocorrido em agosto de 1976, cuja morte em acidente automobilístico se dera com o ex-presidente já residindo novamente no Brasil. A Censura permitiu que noticiários radiofônicos e televisivos apenas emitissem breves notas - inclusive vetando o emprego de imagens pela TV - sobre o enterro de JK, no qual uma multidão esteve presente.<sup>3</sup> Antes ainda a Censura impediu, em 1975, que na trama da telenovela “Escalada”, da autoria de Lauro Cesar Muniz e exibida no horário nobre pela Rede Globo, fosse mencionado o nome de Juscelino Kubistchek, uma vez que construção e inauguração de Brasília eram o ambiente em que atuavam o protagonista e vários outros personagens do folhetim eletrônico. Todavia, o avanço do processo de abertura política promovido pelo regime militar sob pressão da sociedade civil organizada que permitiu que o nome de JK e a memória sobre seu governo voltasse a circular na vida nacional, reforçando-os na memória coletiva. Essa volta da

---

<sup>1</sup> Para maiores detalhes da cassação de Juscelino Kubitschek: <http://jk.cpdoc.fgv.br/trajetoria-de-vida/13-cassacao-exilio-1964-1967>. Acesso: 15/10/2020

<sup>2</sup> Essa informação, com uma breve análise, está contida em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/frente-ampla>. Acesso: 15/10/2020

<sup>3</sup> Informações retiradas de: [http://www.projetomemoria.art.br/JK/biografia/5\\_enterro.html](http://www.projetomemoria.art.br/JK/biografia/5_enterro.html). Acesso: 15/10/2020

circulação de seu nome a praça pública dá margem a uma interpretação de que a ditadura promoveria, de modo discreto e em conjunto com o processo de abertura política, uma certa “anistia” a imagem de Juscelino.

Além do próprio documentário sobre JK, dois outros exemplos servem para argumentar em favor dessa hipótese. Um ano após o documentário, no dia 12 de setembro de 1981, é inaugurado o Memorial JK. Localizado em Brasília e projetado por Oscar Niemeyer, o acervo do memorial contém itens pessoais, fotografias do ex-presidente e de sua esposa, dona Sarah Kubitschek, ainda possui um auditório com o nome Marcia Kubitschek, filha do presidente, com capacidade para 310 pessoas que possui equipamentos de som e imagem. A construção do memorial foi apoiada pelo presidente militar General João Baptista de Figueiredo, o qual, além de se empenhar na doação do terreno para o memorial mesmo com críticas de chefes militares da chamada linha-dura, esteve na missa de inauguração,<sup>4</sup> atitudes que servem como prova da “anistia” do nome de Juscelino pela ditadura militar. No mesmo ano e sob o clima de luta pela redemocratização do Brasil, uma das escolas mais tradicionais de samba do Rio de Janeiro, a Mangueira, desfilou com samba enredo cantando a imagem de Juscelino Kubitschek, intitulado “De Nonô a JK”, composto por Jurandir, Comprido e Arroz. A Mangueira mostrou no seu desfile a imagem de JK como líder popular, “mítico”, progressista, exaltando seus feitos como presidente e a seu apreço pela música popular e o violão. A Mangueira obteve o quarto lugar na classificação geral do Carnaval carioca daquele ano, mas cantando o nome de JK para o público da avenida e aos milhões de brasileiros que acompanharam o desfile pela TV.

Os exemplos acima citados mostram que existia uma “recuperação” da memória e da imagem de JK, que foi banida para o ostracismo pelo governo militar. Em um país que ansiava por democracia e eleições diretas, a imagem de Juscelino, um presidente que respeitou a democracia e a constituição, era um perfeito contraponto crítico ao regime que vigorava no Brasil. E é nesse contexto que é produzido e lançado o documentário “Os anos JK”, como se verá a seguir.

### **A Representação de Juscelino em “Os Anos JK”**

Em 1980, JK ganharia sua primeira representação no formato audiovisual, no documentário “Os Anos JK - Uma Trajetória Política”. Dirigido por Silvio Tendler, produzido

---

<sup>4</sup> Informações retiradas de: <http://www.memorialjk.com.br/pt/>. Acesso: 15/10/2020

pela Terra Filmes, com financiamento da extinta Empresa Brasileira de Filmes S.A (Embrafilmes), órgão do governo federal para incentivo à cultura. Com sua produção sendo iniciada quatro anos antes de seu lançamento e tendo a narração de Othon Bastos, texto de Claudio Bojunga e depoimentos de personagens políticos que conviveram com Kubitschek, como o marechal Lott e Tancredo Neves <sup>5</sup>, ele foi vencedor do prêmio especial do júri e do prêmio de melhor montagem no Festival de Gramado de 1980 e é uma das maiores bilheterias de um documentário brasileiro, junto com “*O fantástico mundo dos trapalhões*” e “*Jango*”, que também foram produzidos por Tandler.

O objetivo principal do documentário é relembrar o presidente Juscelino e fazer um forte contraponto dele ao regime militar vigente, com um forte grau de crítica sobre o segundo. Juscelino representa a democracia, a tolerância, o pluralismo democrático, a possibilidade de desenvolvimento econômico nos parâmetros da democracia. Os militares representam o arbítrio, o desrespeito a democracia e aos direitos humanos básicos, a intolerância para com os opositores. Como mostrado pelo estudioso e crítico de cinema Jean Claude Bernadet (1981) que destaca, dentre outras cenas, o uso desse recurso pelo diretor do documentário quando ao focar a atitude do presidente JK com a Revolta de Aragarças. Assim, o crítico chama atenção que enquanto se ouve da narração: “Sua prudência e habilidade evitaram crise maior, a revolta é neutralizada e absorvida; há o contraponto com a exibição, no vídeo, de “imagens grotescas e sinistras dos presidentes militares”, formando, assim, paralelos de comparação, que são utilizados em todo o documentário, para a análise histórica proposta pelo mesmo (BERNADET, 1981, p.32).

Para atingir o seu objetivo, Tandler se utiliza de rica documentação: [jornais] de época, depoimento de políticos e figuras de destaque que conviveram com JK, um repertório amplo de imagens, um texto de narração, entre outros aspectos. Essa documentação permite ao diretor extrair alguns aspectos marcantes da personalidade do político Juscelino, como destacado pelo crítico Sérvulo Siqueira, esses aspectos são “o espírito da conciliação política, a capacidade de amenizar conflitos partidários, diluir tensões sociais, fazer concessões, conceder perdões e, sobretudo, de manter viva – através de um constante otimismo – a chama do desenvolvimentismo e o carisma de seu condutor” (SIQUEIRA, 1981, p.68). Outro crítico, Paulo

---

<sup>5</sup> Informações retiradas de: OS Anos JK. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra67261/os-anos-jk>>. Acesso: 15/10/2020



Sergio Pinheiro, aponta que o filme mostra uma fase essencialmente conciliadora de JK, principalmente em momentos de tensão política, que são presentes na tradição política brasileira.

O documentário inicia-se com a promulgação da constituição de 1946 e com os deputados constituintes discursando em favor da mesma. Após isso, começa o destaque no personagem principal de Tendler, Juscelino Kubitschek. Utilizando-se da narrativa da “história sagrada”, o narrador relata brevemente a carreira de JK numa lógica ascendente, passando pelos cargos de prefeito, governador e presidente (O primeiro mandato como deputado federal é omitido, muito provavelmente pelo pouco destaque do mesmo, não chegando a discursar para os seus pares) O destaque principal da obra é na presidência de Juscelino, mostrando o modo como o ex-presidente consegue manobrar a oposição de direita, que realizava revoltas, e a de esquerda, que organizava protestos em favor de uma maior atenção do governo as questões sociais. O desenvolvimentismo adotado por Kubitschek e a construção de Brasília também são discutidos por Tendler. Após o termino do mandato de Juscelino, o documentário relata o período de crise entre 1961-1964, nas presidências de Jânio Quadros e João Goulart, que termina com o golpe civil militar. O documentário termina exaltando JK em comparação aos governos fardados, que são o alvo principal da crítica do filme. É importante destacar que o documentário realiza críticas ao governo Kubitschek, como na construção de Brasília, aonde o narrador destaca uma demofobia das elites políticas para com as agitações sociais presentes no país.

Para entender a representação de JK destacada por Tendler é necessário salientar alguns aspectos chaves da obra. Como destacado por Marcia Paterman Brasil, a democracia é “a chave histórica que proporciona o fio condutor de sua representação” (BRASIL, 2008, p.44), ou seja, o documentário foi projetado como um filme que relata o período democrático brasileiro entre duas ditaduras. Outro aspecto relevante do mesmo é a questão da memória histórica, aonde uma figura política democrática é apresentada a uma nova geração que somente havia vivido no período ditatorial. Também existe um tom nostálgico, aonde “um tempo feliz que ficou no passado” (BRASIL, 2008, p.47) é apresentado ao espectador.

O que “*Os anos JK*” destaca do ex-presidente são seus valores, que seriam “a etapa do desenvolvimento econômico e mudanças sociais compatíveis com a garantia das liberdades democráticas” (BRASIL, 2008, p. 47). Sem abandonar o tom crítico e se posicionando politicamente durante todo o filme, Tendler mostra um Juscelino tolerante, que respeita as regras do jogo e a constituição e que busca trazer o desenvolvimento econômico. Nesse ponto que pode-se perceber claramente a representação mítica adotada na obra. Ao destacar as

características essencialmente positivas da figura pública Kubitschek, principalmente a de um líder democrata e tolerante, Tendler utiliza-se da representação mítica para criticar os governos militares vigentes e destacar a importância da democracia. Mesmo as críticas dirigidas ao ex-presidente estão mais focadas no modelo de desenvolvimento adotado do que na sua figura pública.

Em entrevista, o diretor discute o que queria destacar no seu documentário quando questionado sobre o porquê de trazer a figura histórica de Juscelino e João Goulart naquele contexto histórico:

**Romulo Mattos:** E a opção por falar desses dois personagens naquele contexto de abertura política...

**Sílvio Tendler:** Vem um pouco do lado histórico e do lado cinema. O lado histórico é que eu queria mostrar que, no Brasil, tinha havido uma democracia e que tinha funcionado. Os milicos diziam que não dava para ter desenvolvimento com democracia. Eu quis provar com *JK* que era possível ter desenvolvimento e democracia.<sup>6</sup>

A imagem de um governo JK excessivamente tolerante pode ser contrastada com alguns fatos que não são relatados pelo documentário. Denúncias de corrupção da gestão dele chegaram, como remonta Busetto (2016, p.138-140), às ondas do rádio e à telinha da TV, as quais eram emitidas pelo jornalista e, à época, deputado federal udenista Carlos Lacerda, os jornalistas Amaral Neto, Flávio Cavalcanti - esses integrados ao Clube da Lanterna, criado em 1953 para combater o getulismo e o trabalhismo, bem como o jornalista Hélio Fernandes e o humorista Millôr Fernandes; todos tendo sofrido censura nos meios eletrônicos por parte de membros do Governo JK. Outro exemplo nesse sentido é a sátira escrita e composta pelo comediante e músico Juca Chaves. “Presidente bossa nova” coloca em seu título a imagem presidencial misturada com o novo gênero musical que surgia então, a bossa nova. Na letra da canção, o músico destaca as qualidades de “Simpático, risonho e original” do presidente do Brasil, critica a quantidade de viagens realizadas pelo presidente brasileiro, inclusive a da comemoração do aniversário de 15 anos de sua filha no palácio de Versalhes, muitas delas realizadas do Rio de Janeiro para Brasília, o uso da máquina pública para fins particulares “Mandar parente a jato pro dentista”, discute a imagem de Kubitschek, sendo ela extremamente midiática e se utilizando de artistas e personalidades para fazer mídia. O autor também parece ironizar a tendência de novidade nos últimos versos da música “Bossa nova, muito nova, nova mesmo, ultra nova”. Ela

---

<sup>6</sup> Para ver a entrevista completa: <http://blogjunho.com.br/entrevista-com-silvio-tendler-politica-e-cultura-de-esquerda-na-obra-de-um-cineasta-engajado/>. Acesso: 16/10/2020

foi composta quando Chaves tinha 16 anos, no ano de 1959, e o cantor conseguiu cantá-la na presença de Juscelino que “acabou gostando da música”, contudo “seu assessor, Geraldo Carneiro, mobilizou o Departamento de Censura para que proibisse a canção”<sup>7</sup>, que não foi censurada devido a decisão judicial favorável ao cantor.

Nesse ponto, cabe-se realizar uma pergunta: Por que a imagem escolhida por Tendler seria a do JK mítico? Uma primeira resposta a essa pergunta já foi dada durante o artigo, a de que o documentário era uma crítica aos governos militares e que Juscelino surgia ali como um contraponto, um presidente democrático e que respeitava o jogo constitucional. Uma segunda resposta está ligada a uma questão geracional e, em certo sentido, “didática”, que o documentário serviria para apresentar aos mais jovens, que não viveram aquele momento histórico, um período histórico diferente do atual e o legado de um de seus maiores líderes, a imagem “de um Brasil moderno que ele ufanisticamente ajudou a forjar no curso de seu exercício presidencial” (SIQUEIRA, 1981, p.67) e também de “refrescar a consciência da cidadania fazendo lembrar que a política Brasileira já viveu momentos de dignidade” (PINHEIRO, 1981, P.92). Existe também uma terceira resposta, a de que o mito representaria a esperança por dias melhores que viriam. Relembrando aqui Rosilene Montenegro, um dos fatores que foram necessários para a consolidação de Juscelino enquanto mito político foi a habilidade dele em traduzir as esperanças e expectativas que já existiam na população em ações e discursos políticos, a capacidade dele em mobilizar o imaginário e trazer um sentimento de esperança para o povo, principalmente ligado a questão do desenvolvimento econômico e a da democracia política.

### Considerações finais

O presente artigo procurou demonstrar que o documentário “*Os anos JK*” de Silvio Tendler utilizou-se de uma representação mítica do ex-presidente para mostrar o período de seu governo e da vigência da democracia no país. Mostrou-se os principais componentes desse tipo de representação, de que modo ela é construída historicamente e como o mito está envolvido no próprio modo de se contar a história de vida e a trajetória política de Juscelino Kubitschek. Também foi destacado o período histórico de produção do documentário, de como estava a imagem de JK na cena pública na época de exibição do filme e da chamada “anistia cultural”. Por fim, foi salientado os aspectos que permitiram mostrar a representação mítica da obra e os motivos em que a mesma foi utilizada.

---

<sup>7</sup> Correio Brasiliense 21/04/2013. Acesso em: 20/10/2020

Com a ditadura civil-militar, Juscelino seria jogado para o ostracismo público até sua morte, ocorrida em 1976. Após isso e com o início da abertura política promovida pelo regime, há um “regaste memorial” da figura do ex-presidente, muitas vezes destacando as virtudes políticas do mesmo em oposição ao governo, sempre em um tom altamente nostálgico. Isso permitiria que a imagem de Kubitschek adquirisse um tom mítico, sinônimo de um estadista progressista e democrático.

Nesse contexto cultural em que é elaborado o documentário de Tandler. Trazendo para o cinema uma discussão sobre o ex-presidente e sobre a democracia no Brasil. Apesar de possuir discordâncias com JK, a avaliação do diretor sobre o governo é positiva, pois Juscelino era alguém que personificava o espírito democrático e a tolerância. Com uma crítica bem mais centralizada aos governos militares, que representariam o arbítrio e a intolerância, Kubitschek consegue se destacar e se contrapor como um líder político avesso à repressão e ao não cumprimento das regras institucionais.

#### Referências bibliográficas

- BERNARDET, Jean-Claude. **Os anos JK:** como fala a história. Novos Estudos Cebrap, São Paulo, n. 1, p. 32-36, dez. 1981.
- BRASIL, Marcia Paterman. **História e utopia:** O documentário de Silvio Tandler. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, 2008.
- BUSETTO, Áureo. **Um polígrafo na telinha:** O humor televisivo de Millôr Fernandes (1959-1965). ArtCultura, Uberlândia, v. 18, n. 32, p. 131-151, jan.-jun. 2016.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural:** Entre práticas e representações. DIFEL, Algés, 2002
- GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas.** Companhia das Letras, Rio de Janeiro, 1987.
- MONTENEGRO, Rosilene Dias. **Juscelino Kubitschek:** Mitos e mitologias do Brasil político moderno. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2001.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Cinema, historiografia e análise política.** Filme Cultura, n.38/39, ago-nov 1981.
- RIBAS, Ana Maria. **O Juscelino Kubitschek da pena autobiográfica:** Entre a memória e o mito político. Rio de Janeiro: Revista Encontros, nº 22, p.22-48, 2014.
- SIQUEIRA, Sérvulo. **De Getúlio a Juscelino,** o Brasil no cinema. Filme Cultura, n.37, jan-mar 1981.